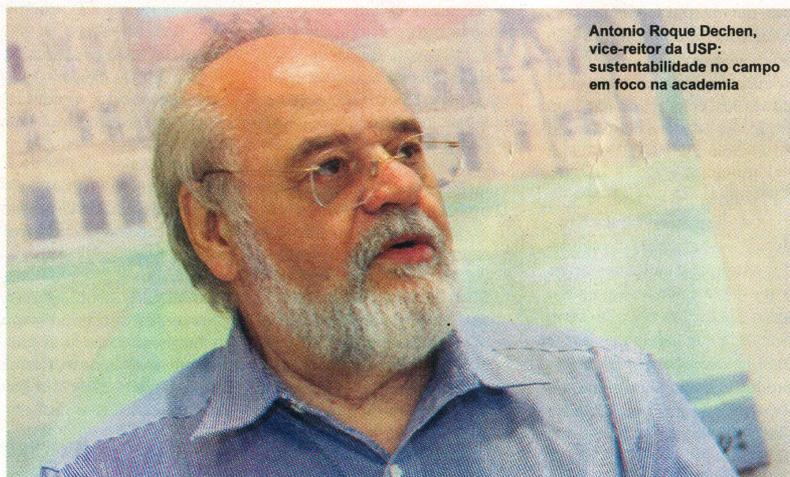


Plantio direto na palha completa 4 décadas no Brasil

Para comemorar a introdução do sistema que retém água e carbono no solo das lavouras brasileiras, Abag homenageou o pioneiro Herbert Bartz



Antonio Roque Dechen, vice-reitor da USP: sustentabilidade no campo em foco na academia

O sistema de plantio direto na palha foi introduzido no Brasil na década de 1970. Atualmente, 35 milhões de hectares são cultivados dessa forma no país.

Durante o 11º Congresso Brasileiro do Agronegócio, a associação nacional que representa o setor homenageou Herbert Bartz, produtor responsável por disseminar essa técnica de manejo sustentável no território brasileiro.

Para falar sobre a relevância do pioneirismo desse filho de imigrantes europeus, o jornalista Caio Albuquerque, da assessoria de comunicação da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP), entrevistou o professor Antonio Roque Dechen, vice-reitor executivo de administração da Universidade de São Paulo.

“O agricultor brasileiro está consciente acerca dos benefícios econômicos advindos dessa prática”, afirma o acadêmico, que também preside da Fundação Agrisus.

A seguir, trechos da conversa:

• O sistema de plantio direto ganhou força porque ele é bom de fato ou porque, a partir dos anos 1970, o mundo todo passou a debater mais a fundo as demandas relacionadas ao meio ambiente?

A sustentabilidade é o carro-chefe. Mas, se não existir retorno comercial, não existe

sustentabilidade. O agricultor não vai aceitar ter prejuízo na sua produção. Hoje, o plantio direto é aceito e aplicado porque, além da sustentabilidade, ele é rentável para os produtores. Esse é o foco. Recentemente, participei, em Passo Fundo (RS), da reunião da Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, que contou com 600 participantes, a maioria agricultores, todos ávidos por novidades e inovações para ampliar seus sistemas de plantio direto. Em estados como Paraná e Mato Grosso, isso é rotineiro e muito bem adotado. As empresas fabricantes de máquinas agrícolas já tem seus negócios voltados a essa demanda.

• Como esse sistema de manejo chegou ao Brasil?

Nos anos 1970, o agricultor Herbert Bartz começou a estimulá-lo no Paraná. Na época, foi um processo difícil, mas, hoje, o Brasil conta com mais de 35 milhões de hectares cultivados dessa maneira. Toda a área cultivada com soja no Paraná e no Mato Grosso utiliza-se desse sistema. Pode-se dizer que o Brasil ganhou muito com a adoção desse tipo de cultivo, que está completando ano 40 anos.

• Quais são as principais vantagens competitivas proporcionadas ao agricultor?

Entre os ganhos, estão a economia do solo, a diminuição do sistema erosivo, o fim das queimadas, a melhora das condições de física e de fertilidade do solo e também da parte microbiológica. E a principal vantagem para o agricultor é manter a sustentabilidade, não só da produção, mas também da sua propriedade. A partir do momento em que o agricultor não tem um manejo adequado e há o processo de erosão, ele está perdendo algo que a natureza leva centenas de anos para produzir, que é um milímetro de solo no seu sistema de formação. Isso leva muitos anos e se perde facilmente em uma grande enxurrada.



Filho de imigrantes europeus, Hebert Bartz trouxe para o Brasil o sistema de plantio direto na palhada, que elevou a competitividade do país

• No início, o sistema de plantio direto teve alguns entraves. Entre eles, estava a questão de adequação de máquinas agrícolas.

Exatamente, já existia uma tecnologia, uma padronização dos tipos de máquinas e, de repente, foi preciso mudar toda essa estrutura. Além disso, há necessidade de novas técnicas de manejo, como o cuidado com as queimadas, devido à maior quantidade de palha sobre o solo. De repente, uma pequena fagulha pode ocasionar uma queima enorme e um prejuízo muito grande. O Brasil tem de se prevenir. Afinal, temos hoje, em algumas regiões, principalmente no sul, áreas que estão desertificadas pela intensa utilização agrícola e pela não-reposição da cobertura vegetal, que geram aspectos erosivos. Depois, para fazer essa recomposição, é muito caro e demorado. Para sermos competitivos internacionalmente, precisamos oferecer qualidade no material que estamos produzindo para o mercado.

• Todas as culturas são adaptáveis ao plantio direto?

Todas as culturas anuais, de uma forma geral, vão muito bem com o plantio direto.

• O que faz esse sistema economizar água nas lavouras?

Na realidade, não é que ele use menos água, mas é que, a

partir do momento em que se tem uma cobertura de palha de 20 cm até 30 cm no solo, a incidência dos raios solares não vai atingi-lo diretamente, diminuindo a evaporação, além de não haver o escoamento. Quando não se tem o solo coberto, a água vai escorrer e arrastar partículas.

• Quais foram as principais culturas que adotaram esse sistema de plantio direto?

Primeiro, o algodão. Depois, a soja. O algodão porque, na década de 1970, era uma cultura de grande escala no Paraná e em São Paulo. Na época, nós não tínhamos soja, sua cultura estava no início. Eu me formei em 1973 e tive poucas aulas e informações sobre ela. O café, o algodão e a cana eram as culturas de grande impacto naquela época.

• Além do plantio direto, que outros sistemas agrícolas também são sustentáveis?

Atualmente, há uma grande evolução no chamado sistema de integração lavoura-pecuária, por meio do qual há a renovação de áreas “degradadas” por pastagem. Nele, utiliza-se o processo da produção de gado para recomposição de solo.

• A comunidade científica tem se aproximado dessa evolução no campo?

Em São Paulo, existe um grupo de pesquisadores coordenado pelo professor José Otávio Machado Menten, do Departamento de Fitopatologia e Nematologia da Esalq, chamado Conselho Científico para Agricultura Sustentável, cujo objetivo é disseminar boas práticas agrícolas e tecnologias. Além disso, existe um programa feito pelo pesquisador André Pessoa, o Rally da Safra, que percorre todas as regiões produtoras de soja e de milho fazendo o levantamento da produção, de atividades feitas com o plantio direto. E isso tem levado o país a se inserir cada vez mais no mercado internacional, porque a qualidade da produção passa pela qualidade da gestão ambiental nas propriedades rurais.